

Entre histórias e memórias: Gonçalves Dias como ícone de identidade brasileira e maranhense

Andrea Camila de Faria*

As províncias do norte do Brasil foram as que mais tarde aderiram à independência do Império. Caxias, então chamada Aldeias Altas no Maranhão, foi a derradeira. A independência foi ali proclamada depois de uma luta sustentada com denodo por um bravo oficial português que ali se fizera forte. Isto teve lugar à (sic) 1º de Agosto de 1823. Nasci a 10 de Agosto desse ano.¹

Segundo Joël Candau não podemos recordar um acontecimento do passado sem que o futuro desse passado seja integrado à lembrança, isto é, lembrar uma história nunca é recuperá-la sem as influências de seu futuro, pois “o tempo da lembrança não é o passado, mas ‘o futuro já passado do passado’”². Nesse sentido, toda recordação é, segundo o autor, tributária da natureza do acontecimento memorizado, do contexto passado desse acontecimento e também daquele momento de recordação³. Em suas palavras,

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa.⁴

Recuperar uma lembrança, especialmente uma lembrança autobiográfica é criar uma memória, uma identidade, e esse movimento nos permite vislumbrar algumas das estratégias de criação identitária, mesmo que nem sempre elas estejam perfeitamente às claras ou pareçam deliberadas.

No caso de Gonçalves Dias é sintomático que o poeta, ao escrever nota autobiográfica a pedido do francês Ferdinand Denis, tenha relacionado diretamente seu nascimento ao “nascimento” da pátria, na menção a consolidação da independência com a rendição do Maranhão em agosto de 1823. Está claro que para o menino que nascia a 10 de agosto daquele ano, o fato de que o país estava recém-saído de sua condição colonial e de que sua província natal resistira a essa metamorfose, não era questão importante, aliás, nada que não

dissesse respeito aos cuidados maternos requisitados por um bebê recém-nascido devia importar.

Mas para o homem de letras que se consolidara já em 1846, quando da publicação de seus *Primeiros Cantos*, como o maior poeta do Brasil, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, parte ativa dos projetos de (re)construção da nação, estabelecer esta relação significava criar para si próprio uma identidade e uma origem singular. Nas palavras da biógrafa Lucia Miguel Pereira, a nota é:

*importantíssima, pelo que diz, e pelo que omite. Mais ainda pelo que omite do que pelo que diz. Com efeito, ligando o seu nascimento aos sucessos políticos, patenteia Gonçalves Dias que foi profundamente marcado por eles. Que o fato de nascer com a independência da sua província influiu no seu feitio, na direção que imprimiu à sua obra. Do contrário não mencionaria a coincidência nessa concisa informação, em que mais nada adiantou sobre a sua vida particular.*⁵

Na interpretação da biógrafa, em seu silêncio Gonçalves Dias deixava transparecer a inquietação de seu lugar social, de sua posição de filho natural de uma mãe mestiça e um pai português que resistira à independência do Brasil. Era o silêncio revelador de um *estado d'alma*⁶. Não nos cabe aqui aprofundar ou debater tal interpretação, embora deva se pensar que talvez sua condição de mestiço tenha pesado – positivamente, devemos dizer – para sua identificação como ícone da nacionalidade brasileira. De todos os modos, ao estabelecer esta relação, o poeta firmou para si um pertencimento e uma vinculação particular com sua pátria, numa imagem que ajudou a perpetuar o seu nome junto à memória nacional.

Para Marcia de Almeida Gonçalves, ao estabelecer esta relação, Gonçalves Dias, mais do que um pertencimento, firmava um compromisso de representar por meio de sua vida particular – e aqui entendemos também por meio de sua obra – a comunidade imaginada, sentida e significada como nação⁷.

De alguma maneira podemos dizer que Gonçalves Dias decidira proclamar-se como brasileiro desde o nascimento, identificando-se ao Brasil cuja imagem ajudava a divulgar e (re)construir, num exercício onde o presente e o futuro pesavam decisivamente sobre a memória do passado. Ele *era brasileiro* desde o nascimento, mesmo que *ser brasileiro* nesse momento ainda fosse algo em construção.

Operações complexas, a reconstrução de um passado e a conseqüente construção de sua memória, demonstram alguns dos objetivos escondidos atrás desses movimentos. Movimentos que, no caso das narrativas pessoais, buscam tornar estável, verossímil e previsível os projetos que norteiam ou nortearam a vida daquele indivíduo. Nesse sentido, como afirma Candau, “todo aquele que

recorda doméstica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade⁸. Assim ao relacionar diretamente seu nascimento ao nascimento da pátria, Gonçalves Dias procurou criar para si uma identidade que o vinculava diretamente ao seu objetivo, ao seu projeto de vida.

O projeto de Gonçalves Dias era o de fazer brilhar o seu nome tornando-se “o primeiro poeta do Brasil, e, se houver tempo, o primeiro literato”⁹, como comentou certa vez em carta ao amigo Alexandre Teófilo. Como sabemos, o poeta alcançou seu objetivo já em 1846 com a publicação de seus *Primeiros Cantos*. Tal sucesso merece, contudo, ser melhor problematizado.

A publicação que trazia à público a hoje tão aclamada *Canção do Exílio*, veio à luz sem grande alarde. O grande sucesso só viria após a divulgação da crítica de Alexandre Herculano sobre o livro de estréia do jovem poeta maranhense. No artigo em questão, intitulado *Futuro Literário de Portugal e do Brasil*, publicado no tomo 7 da *Revista Universal Lisboense* (1847-1848), o escritor português afirmava:

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da mesa nas filiais de Esparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brasil é a moderna Esparta, de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma com a leitura de um livro impresso o ano passado no Rio de Janeiro, e intitulado: Primeiros Cantos: poesias por A. Gonçalves Dias. Naquele país de esperanças, cheio de viço e de vida, há um ruído de labor íntimo, que soa tristemente cá, nesta terra onde tudo se acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilização, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das letras; arroteia os campos da inteligência; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra num foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que a alumina; prova forças enfim para algum dia renovar pelas idéias a sociedade, quando passar a geração dos homens práticos e positivos, raça que lá deve predominar ainda; porque a sociedade brasileira, vergôntea separada há tão pouco da carcomida árvore portuguesa, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergôntea, transplantada da Europa para entre os trópicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decair tão cedo como nós decaímos!¹⁰

E ainda ponderava que os *Primeiros Cantos* eram “inspiração de um grande poeta” e que o poema *Seus Olhos* eram as composições mais mimosas que já havia lido¹¹.

O artigo de Herculano chegou às mãos de Gonçalves Dias através de seu amigo português Gomes de Amorim, que o transcreveu

e enviou para o Brasil na certeza de que o escrito surpreenderia e em muito alegraria o poeta maranhense. Os meios que levaram os *Primeiros Cantos* às mãos do ilustre letrado português, infelizmente nos são desconhecidos, talvez tenha influído para isso as sociabilidades portuguesas de Gonçalves Dias, mas o que é certo é que sua repercussão foi de grande importância na vida do jovem poeta, lançando-o de vez a um posto de destaque no cenário das letras nacionais.

Nesse sentido, José Henrique de Paula Borralho, afirma que

*A repercussão do artigo de Alexandre Herculano nos jornais do império foi imediata e pesou decisivamente para a visibilidade e dizibilidade do cantor timbireense e de sua utilização pelo império brasileiro dentro do projeto criador da nação.*¹²

Num momento em que a nação se construía e se firmava, o reconhecimento da declaração de independência literária recebida pelas mãos de um dos mais aclamados homens de letras da antiga metrópole se revestia de um aspecto mais do que simbólico. Tratava-se de um ato político. Com a exaltação de Gonçalves Dias feita por Herculano, o Império Brasileiro não era mais apenas independente politicamente, ganhara o aval para ser autônomo em sua literatura e história. E não seriam justamente essas duas esferas as principais responsáveis pela construção da nação?

Gonçalves Dias parecia ter plena consciência da importância que essa “aprovação” possuía, prova disso é que ao organizar em 1857 uma publicação que reunia seus *Primeiros, Segundos e Últimos Cantos* – intitulada *Cantos* – precedeu-o pelo artigo de Herculano, em um claro recurso de (re)afirmação de sua obra e de sua imagem. No prólogo da edição ele afirmou:

A colecção de poezias, que agora reimprimo, vae illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho ate hoje experimentado na minha vida litteraria.

Merecer a critica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples mensão do meo primeiro volume, rubricada com seo nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria da minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da critica inflexível, que eu devera, mas não ousava receber; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo

*mesmo, e, benevolmente indulgente, dirige-me algumas linhas, que me fiserão compreender quão alto eu reputava a sua glória, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixarão possuído.*¹³

Gonçalves Dias ia assim firmando sua imagem de literato, mas mais do que isso, firmava sua imagem de *poeta nacional*, criando e recriando sua memória a cada novo escrito ou publicação, fixando seu nome na memória da nação.

Nesse sentido é interessante lembrar que nenhum de seus poemas fixou tão bem seu nome na memória nacional quanto sua *Canção do Exílio*. Incessantemente repetida e parafraseada, a *Canção* atravessou os séculos, fixando seus versos e a memória de seu autor como ícone de brasilidade. Nas palavras de Maria Helena Rouanet, os versos “Nosso céu tem mais estrelas,/ Nossas várzeas têm mais flores,/ Nossos bosques têm mais vida,/ Nossas vidas mais amores” foram tão eficazes em proclamar a diferença entre o eu e o outro, o nacional e o estrangeiro – a polaridade norteadora da construção de identidade (nacionalidade) no romantismo – que além de serem reproduzidos por vários outros poetas românticos, acabaram se institucionalizando de vez na letra do Hino Nacional¹⁴.

Mas essa institucionalização torna-se curiosa se pensarmos que esse poema foi escrito em Coimbra, em julho de 1843¹⁵, quando Gonçalves Dias era ainda um jovem de 19 anos, distante de sua terra natal já há quatro anos. Aliás, quando nos referimos a sua terra natal precisamos deixar claro que não estamos nos referindo ao Brasil, esta unidade nacional tão evocada, mas a uma pequena partícula desse todo, ao Maranhão, ou antes, a Caxias, esta sim, sua *terra natal*.

Ao partir para Coimbra em 1838 o jovem Gonçalves Dias não conhecia mais do que Caxias, o sítio de Boa Vista, onde nascera, e a capital da província, São Luiz¹⁶. Uma parte do Maranhão era o máximo de *Brasil* que ele conhecia. Aliás, o próprio poeta ao publicar sua *Canção* fez questão de ressaltar: “Quando eu compuz esta canção, ou como melhor se chame, tinha apenas visto algumas das Províncias do Norte do Brasil”¹⁷. Esta simples nota nos faz pensar que talvez aquele que é o poema nacional por excelência, conhecido nos quatro cantos do país, incessantemente reproduzido nos manuais didáticos, não seja exatamente *nacional*, mas antes, *regional*.

Não queremos com isso, contudo, retirar Gonçalves Dias de sua posição no *panteon* nacional. O que nos importa é problematizar essa figuração, entende-la como uma construção, como mais uma das muitas construções de memória que são responsáveis por criar uma identidade comum. Nesse caso, nos parece que a propagação de *Canção do Exílio* como poema nacional por excelência se deu sem que

se levasse em conta o regionalismo que a produzira, ou antes, desconsiderando-se propositalmente essa característica a fim de torná-la um símbolo que bem representasse o sentimento nativista que se queria construir, nosso *nacionalismo*. Nesse caso, sem que Gonçalves Dias planejasse, seu poema foi alçado ao posto de canção nacional e seu autor, por conseguinte, ao de cantor da pátria, de iniciador da literatura brasileira, numa construção de memória que merece, no mínimo, ser demarcada.

De acordo com Joël Candau, “‘fazer o nome’ é agir para a posteridade, ter a esperança estéril de não desaparecer no esquecimento”¹⁸, e essa busca requer o esforço de fazer escolhas, de jogar luz sobre os aspectos que se quer exaltados e jogar na penumbra aqueles que podem dificultar seu “sucesso”. Nesse sentido, é curioso pensar que nessa mesma edição dos *Cantos*, onde procurou dar destaque às palavras de Herculano sobre sua obra e sobre futuro da literatura brasileira, Gonçalves Dias tenha deixado de republicar a nota que pontuava a *Canção do Exílio* como fruto da inspiração de um jovem que quase nada conhecia de Brasil, o que, como já dissemos, acabava insinuando ao poema uma forte marca de exaltação regional.

No entanto, No entanto, ao pensarmos isso somos forçosamente direcionados a pensar nos meios pelos quais a memória de Gonçalves Dias, criada por ele ou não, se fixou e se transmitiu ao longo dos anos, especialmente após a sua morte. Nesse caso, parece-nos claro que os textos biográficos sobre o poeta foram determinantes em fixar sua memória/identidade de *poeta nacional*.

Ainda segundo Joël Candau o trabalho da memória nunca é um ato individual. Em suas palavras,

*A forma do relato, que especifica o ato de rememoração, “se ajusta imediatamente às condições coletivas de sua expressão”, o sentimento do passado se modifica em função da sociedade. (...) Muitas de nossas lembranças existem porque encontramos eco a elas, observação que conduziu Halbwachs a elaborar a noção de “quadros sociais da memória”. Por isso, é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade.*¹⁹

Nesse sentido, está claro para nós que se Gonçalves Dias se fixou na memória nacional não foi apenas pelo sucesso de seu projeto de *fazer seu nome* ou, dito de outro modo, seu projeto de muito pouco valeria se a memória que procurou criar de si não encontrasse eco na memória coletiva, social. Dessa forma, seu projeto foi vitorioso porque ao criar-se como *brasileiro*, sua voz ressoava junto ao projeto nacional, garantindo-lhe posição de destaque perpetuo entre os nomes ilustres do país.

Para isso contribuiu além de seu próprio esforço em construir sua memória, a fixação feita por seus biógrafos. Desde sua morte em 1864, suas biografias proliferaram-se, mas nesse cenário de vastidão não há grandes novidades, o que vemos sempre é o paralelo entre a vida do homem e a obra, numa constante fixação da imagem de Gonçalves Dias como o *poeta do Brasil*, imagem que ele mesmo havia se encarregado de criar.

A nosso ver, contudo, essa fixação foi iniciada pelas obras de quatro autores específicos: Joaquim Manuel de Macedo, Antonio Henriques Leal, Lucia Miguel Pereira e Manuel Bandeira. Cada um desses autores e de suas respectivas obras possui características específicas que ajudaram ou a manter e reforçar a memória de Gonçalves Dias que o próprio poeta havia forjado ou a criar/identificar novos valores que ajudaram a consolidar a figura do poeta no imaginário nacional.

Não nos interessa pensá-las aqui, contudo. Mas cabe ponderar apenas que se houve a nacionalização de Gonçalves Dias, sua institucionalização como brasileiro por excelência, houve em contra partida, uma re-apropriação de sua imagem pela sua província natal, como forma de alçar o Maranhão – decadente econômica e socialmente – a um posto de destaque no cenário nacional. Assim, seus co-provincianos propagavam: Gonçalves Dias era Brasileiro sim, mas era antes Maranhense!

Ainda hoje a antiga Província, hoje estado do Maranhão, orgulha-se de seu ilustre filho. Não há uma só publicação sobre maranhenses ilustres que não apresente seu nome com destaque e ostente sua imagem na capa²⁰. Simbolicamente a maior estátua em sua homenagem foi erguida na capital S. Luis e não em Caxias, sua cidade natal.

Entretanto, mais significativo do que a disputa por sua memória, nacional ou regional, é constatar o real alcance dessa memória. Um recente projeto da Universidade Federal do Maranhão em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão²¹ para que fosse publicado um livro de mil poemas em homenagem aos 190 anos de nascimento de Gonçalves Dias, completados em 10 de agosto de 2013, recebeu poemas de autores de várias partes do Brasil e do mundo, até mesmo da África, onde o poeta maranhense nunca esteve. A dimensão dessa publicação recém-lançada nos permite vislumbrar o alcance da memória construída sobre o contruída sobre o poeta. E sem entrarmos no mérito da qualidade dos textos, são ao todo 757 páginas dedicadas à memória de Gonçalves Dias. 757 lembrando o seu nome.

Antonio Candido em seu célebre estudo sobre a gênese da literatura nacional afirmou afirmou – surpreendentemente sobre *I-Juca Pirama* e não sobre a *Canção do exílio* – que “é dessas coisas

indiscutidas, que se incorporam ao orgulho nacional e à própria representação da pátria, como a magnitude do Amazonas, o grito do Ipiranga ou as cores verde e amarela”²². Digamos surpreendentemente não em desmerecimento de *I-Juca Pirama*, mas parece claro que *Canção do exílio* tornou-se muito mais célebre, incessantemente repetida e incorporada ao imaginário nacional do que o “canto de morte do filho do norte”. Entretentes, o que incorporamos não foi somente o *I-Juca Pirama*, foi a memória do próprio poeta.

Se ainda hoje vemos referências à *Canção do exílio* surgirem aqui e acolá, seja repetindo-a ou parafraçando-a é porque estes versos se incutiram de tal forma no imaginário nacional que é como se sempre tivessem existido, como se não fosse necessário pensar sobre as especificidades de sua produção e circulação. Sua força nacional está dada, como está dado que as cores verde e amarela representam o Brasil, como apontou Antonio Candido, mas esquecendo-se que estas mesmas cores foram fruto de escolhas e debates.

Assim, ao completar 190 anos de nascimento, Gonçalves Dias é o poeta nacional. Mas o é porque era esse o seu projeto e porque a construção que fez de si, de sua identidade, encontrou eco e espaço na memória coletiva que se criava. De alguma forma ele nasceu junto com sua pátria, não porque veio ao mundo junto com a consolidação da independência, mas porque criou sua identidade ao mesmo tempo em que se forjava a identidade nacional. Mas é também o poeta maranhense, dando eco aos anseios de parte desse imenso país que ainda busca a glória de outrora. É o poeta do exílio, se fixando na canção que percorreu o mundo e é ao mesmo tempo apenas uma pequena parte de um quebra-cabeça chamado *identidade brasileira*.

Notas de Referência

* Mestre em História Política pelo Programa de Pós-Graduação em História da UERJ. Bolsista do Programa de Treinamento e Capacitação Técnica da FAPERJ no projeto *Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades (NUBHES)* coordenado pela Prof^a Dr^a Marcia de Almeida Gonçalves.

¹ DIAS apud PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, p. 09.

² CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 66

³ *Ibidem*, p. 71.

⁴ *Ibidem*.

⁵ PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. ..., op.cit., p. 9.

⁶ *Ibidem*.

⁷ GONÇALVES, Marcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro”. GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org).

In: _____. *O Brasil imperial 1831-1889*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009b, p. 428.

⁸CANAU, Joël. *Memória e identidade...*, op.cit., p. 74.

⁹DIAS, Gonçalves apud PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias...*, op.cit., p. 85.

¹⁰HERCULANO In: DIAS, A. Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 98-99.

¹¹Ibidem, p. 99-100.

¹²BORRALHO, José Henrique de P. *A Athenas equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. 2009. Tese (doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 208.

¹³DIAS, A. Gonçalves. *Cantos: collecção de poezias*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857. Disponível em *Brasiliana Digital*: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00647200>. Acesso em 26 jun 2010, p. VII.

¹⁴ROUANET, Maria Helena. "Nacionalismo". In: JOBIM, José Luís (org.). *Introdução ao romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 22-23.

¹⁵Segundo a datação publicada nos *Primeiros Cantos*.

¹⁶cf. PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias...*, op.cit.

¹⁷DIAS, A. Gonçalves. *Primeiros Cantos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846. Disponível em *Brasiliana Digital*: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00634200>. Acesso em 26 jun 2010, p. 09

¹⁸CANAU, Joël. *Memória e identidade*, op. cit., p. 69

¹⁹Ibidem. p. 77

²⁰Em recente visita ao Maranhão me deparei com um grande número de publicações de caráter biobibliográfico que buscavam destacar os ilustres filhos do estado e em quase todas o nome de Gonçalves Dias estava presente e sua imagem figurava na capa, em geral rodeada de algumas palmeiras. Até mesmo em uma publicação sobre nomes ilustres da cidade de S. Luis, Gonçalves Dias era figurava na capa, embora tenha nascido em Caxias.

²¹Refiro-me ao projeto "Mil poemas para Gonçalves Dias", organizado por Dilercy Aragão Adler e Leopoldo Gil Dulcio Vaz. O projeto foi complementado ainda por um convite para que pesquisadores produzissem estudos sobre a vida e a obra do poeta, originando a publicação "Sobre Gonçalves Dias", onde possuo artigo publicado em co-autoria com a Prof.^a Dr.^a Marcia de Almeida Gonçalves. Cf. ADLER, Dilercy Aragão; VAZ, Leopoldo Gil Dulcio (Orgs). *Antologia mil poemas para Gonçalves Dias*. São Luís: EDUFMA, 2013. / ADLER, Dilercy Aragão; VAZ, Leopoldo Gil Dulcio (Orgs). *Sobre Gonçalves Dias*. São Luís: EDUFMA, 2013.

²²CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v. 2, p. 85.

